

Capítulo 4

Atendimento a Jovens num Centro Comunitário

**Mafalda Ferreira
Margarida Reis
Cidália Duarte**

Desde 1990, o Centro Social da Vitória tem procurado implementar um serviço de atendimento para a população, tendo sido possível, no âmbito do presente programa comunitário Horizon, ampliar e especificar os serviços prestados. Referimo-nos, concretamente, ao domínio da consulta psicológica individual e familiar, à realização de grupos de educação psicológica e à consultadoria com pais e professores ou outros agentes significativos para os jovens desta comunidade, operacionalizados nos gabinetes de atendimento e no centro de documentação. Neste capítulo, procuraremos, assim, analisar a intervenção efectuada junto de jovens a estes diferentes níveis.

1. Psicoterapia e Aconselhamento Psicológico

Conceptualizando a consulta psicológica individual ou em grupo numa perspectiva desenvolvimental, facilmente compreendemos a importância de uma intervenção não limitada às competências pessoais do indivíduo. Naturalmente, sabemos que os indivíduos não vivem isolados e que não são sistemas fechados, sendo que as realidades psicológicas não se restringem ao intra-individual: "Não nos podemos limitar aos sistemas pessoais: as interacções entre as pessoas e entre estas e os contextos de vida são realidades psicológicas em desenvolvimento" (Campos, 1988, pág. 14).

Donde, ao conceptualizarmos qualquer intervenção, temos de ter em consideração o efeito positivo ou negativo que o meio exerce sobre os indivíduos, mas também que o indivíduo pode ser pró-activo relativamente ao meio onde está inserido. Assim, o desenvolvimento humano não ocorre descontextualizado dependendo da natureza das interacções entre contextos, incluindo a participação conjunta, a comunicação e a transferência de informação de cada contexto sobre o outro (Campos, 1990). Desta forma, a mudança deixa de se restringir ao nível individual mas alarga-se, tanto quanto possível, aos contextos em que os indivíduos estão directa ou indirectamente inseridos.

Ao nível da consulta psicológica individual, os jovens surgem-nos com pedidos que resultam da forma como percebem e vivenciam determinados acontecimentos de vida. Verificamos que os problemas têm sobretudo a ver com as questões relacionadas com as tarefas escolares, incluindo-se aqui as dificuldades de aprendizagem, a ansiedade em situação de avaliação, a dificuldade

em organizar o processo de estudo ou questões que se prendem com a construção de um projecto vocacional e, ainda, com dificuldades de relacionamento interpessoal, sendo aqui importante distinguir as dificuldades de relacionamento com os pais - que se prendem, numa grande parte dos casos, com o processo de autonomia do jovem, surgindo dificuldades de comunicação e comportamentos agressivos - ou com os pares, ao nível da construção de relações de intimidade, com elementos do mesmo sexo ou do sexo oposto ou do processo de autonomia no grupo de pares;.... Surgem, também, com frequência, pedidos relativos a preocupações que os jovens sentem com grande premência: a procura de emprego e o desempenho do papel profissional. Em anexo, apresentamos resumidamente o tipo de problemática dos jovens que nos procuram, bem como a sua idade, o nível de escolaridade e o número de consultas efectuadas em ordem à especificação do exposto (Anexo 4).

No que se refere ao processo de intervenção propriamente dito, é interessante verificar que os adolescentes ou outros significativos que nos procuram, identificam perfeitamente o papel profissional do psicólogo, não nos confundindo com outros profissionais. Nas estratégias adoptadas, considera-se, sempre, o equilíbrio entre desafio e apoio, a partilha de experiências com o psicólogo, a sua reflexão e integração no quadro de vida mais alargado e com significado pessoal, a expressão de sentimentos, anseios, ... como dimensões essenciais para a resolução conjunta dos problemas que o jovem apresenta.

Ao nível da psicoterapia e aconselhamento psicológico, deparámo-nos frequentemente com situações em que o pedido de intervenção é formulado pelo jovem, mas também, num grande número de casos, com situações em que é formulado por outros significativos, quer sejam pais, avós, ou professores das escolas do Ensino Básico que existem na freguesia ou das escolas do 2º e 3º ciclo, Irene Lisboa e Gomes Teixeira, que embora não se situem nesta freguesia recebem os seus jovens e com as quais temos intencionalmente trabalhado.

Privilegiando sempre a perspectiva ecológica da intervenção, procuramos intervir apoiando os indivíduos nas situações de crise ou em transições normativas, de forma a promover o seu desenvolvimento integral e a sua qualidade de vida psicossocial. Assim, trabalhamos directamente com os jovens e também, sempre que consideramos pertinente, com pais e professores, de forma a promover uma mudança mais global, alargada tanto quanto possível aos

contextos de vida e às relações que os jovens mantêm, através do estabelecimento de uma relação colaborativa entre psicólogo e outros significativos para o jovem. Este trabalho é operacionalizado através da realização de consultas periódicas com os pais ou outros significativos do jovem, com o consentimento deste, em reuniões regulares com professores e em contactos com outras entidades, por exemplo os centros de emprego. Aliás, existem algumas situações em que os jovens não são participantes directos do processo, na medida em que as questões a trabalhar se prendem com o sub-sistema parental, por exemplo.

Se no que diz respeito às problemáticas que estes jovens apresentam existem semelhanças com outros contextos de intervenção, encontramos especificidades na Vitória que convém assinalar. Por um lado, o facto de estarmos a intervir num contexto comunitário bem definido, com limites geográficos conhecidos, facilita o estabelecimento de uma relação interpessoal significativa entre técnico e cliente devido à proximidade física e à partilha inevitável e quotidiana de alguns contextos de vida, obrigando o psicólogo a assumir um papel, simultaneamente próximo e distanciado da população (frequentemente, encontramos em trabalhos de grupo, um familiar ou amigo da pessoa atendida no espaço da psicoterapia, ou vice-versa). Por outro, existem especificidades desta comunidade que se constituem como elementos obstaculizadores da intervenção, nomeadamente, questões de ordem económica (julgamos que estas pessoas só têm acesso a este tipo de serviço porque ele é gratuito...), constrangimentos ao nível da habitação que originam falta de privacidade, situações de pobreza extrema, por vezes encoberta, interiorização da pobreza e da incapacidade de acederem a alguns recursos, famílias cujos bens são consequência de economias paralelas originando problemas de consciência e de valores nos filhos; na medida em que implicam, necessariamente, uma maior criatividade nas estratégias adoptadas tanto pelo psicólogo, como pelo cliente e um apelo enorme ao apoio psicoterapêutico.

Naturalmente que, ao trabalhar inserido numa equipa multidisciplinar, o psicólogo estabelece relações de colaboração com outros técnicos (assistentes sociais, médicos, educadoras,...), cujo contributo é, em muitos casos, de grande relevância, na medida em que permite uma intervenção mais global, constituindo um recurso fundamental para uma efectiva mudança ao nível de alguns contextos de vida.

2. Atendimento em Serviço Social

Constituindo a população jovem um grupo privilegiado no âmbito da intervenção social (Vidal, 1988) que este Centro Comunitário desenvolve, o atendimento na área de serviço social assume um papel importante enquanto estratégia de actuação face à resolução e prevenção de problemas económico-sociais que afectam em larga medida esta população.

O gabinete de atendimento em Serviço Social inclui a área da Acção Social como componente profissional fundamental, visto que esta modalidade complementar de protecção existe como forma de resposta às "situações que não sejam ou não possam ser superadas através dos regimes de Segurança Social" (artigo 33, Princípios do Sistema de Segurança Social, Diário da República, nº 188 de 14/08/84). Assim, em resposta a algumas situações de risco social, estes regimes apresentam-se insuficientes, e até em alguns casos inexistentes, donde a necessidade e a adopção desta modalidade neste centro comunitário.

O facto deste serviço se inserir na proximidade geográfica da população destinatária favorece, a nosso ver, a compreensão das situações problemáticas de uma forma mais globalizadora por parte dos técnicos, o que lhes permite uma abordagem radicalmente diferente da convencional e oferece a possibilidade de actuação mais adequada às necessidades da população.

Do ponto de vista da população, há algumas vantagens desta proximidade, realçando-se, entre outras, uma maior personalização neste atendimento e facilitação no acesso ao técnico para exposição da sua situação. Desta forma, entre Outubro de 1993 e Janeiro de 1995, esta instituição recebeu aproximadamente 20 pedidos formulados por jovens no respectivo gabinete de atendimento (vd Anexo 5).

Numa primeira abordagem, este número de casos corre o risco de parecer pouco relevante, adquirindo, contudo, outro significado se tivermos em consideração que os jovens contabilizados foram apenas os que individualmente procuraram o técnico. Diversos jovens delegaram os seus pedidos em familiares que os representaram ou preferiram procurar a assistente social em circunstâncias mais informais, em espaço exterior ao do atendimento mas inserido na instituição e em horários diversos. Estas situações só são possíveis pela

localização próxima do Centro à população e pelo fácil acesso que a população tem face aos técnicos, devido ao desempenho destes em diversos domínios. As idades dos jovens variam entre os 8 e os 28 anos, cabendo aos elementos femininos um maior número de pedidos. Este facto parece justificar-se devido à condição perante o trabalho das mulheres (desempregado, procura de 1º emprego, ocupar-se das tarefas domésticas).

Os pedidos que estes jovens efectuaram são diferenciados, podendo-se traduzir em pedidos imediatamente associados a necessidades relacionadas com a subsistência dos próprios: situações de carência económica, problemas de saúde e de habitação e pedidos que consistem em questões associadas a comportamentos desviantes, solicitações ao nível de apoio e de aconselhamento psicológico (sendo, a este nível, encaminhados para profissionais de consulta psicológica da instituição), necessidade de apoio ao nível jurídico, etc. Alguns destes pedidos não surgem, de forma explícita, ao técnico, mas antes encobertos sob a forma de pedidos de apoio económico, assim se justificando a variedade de respostas existentes em muitas das situações e a não coincidência com os pedidos feitos inicialmente. Com efeito, muitos utentes apresentam um desconhecimento dos seus direitos sociais, da complexidade das suas situações e revelam dificuldades na definição das respectivas causas o que, paralelamente com a desproporção existente entre os pedidos formulados e os recursos disponíveis, tornam particularmente difícil a resolução de situações de pobreza e de estigmatização social.

Desta forma, o assistente social limita-se, muitas vezes, a esclarecer e informar os utentes dos seus direitos sociais e da forma de lhes aceder. Contudo, tentamos que as respostas aos diversos pedidos são sejam de carácter meramente imediatista, como é o caso do apoio económico para medicação (sem dúvida essencial), promovendo alternativas que possibilitem ao utente uma visão de conjunto das múltiplas determinações da sua situação e dos organismos facilitadores da resolução de algumas necessidades, para os quais se realiza um encaminhamento e acompanhamento personalizado.

Integrando-se o gabinete de atendimento em Serviço Social num Centro Comunitário, onde está presente a interdisciplinaridade, defendemos como estratégia de actuação face à diversidade e especificidade das problemáticas, a discussão conjunta dos problemas entre os diferentes profissionais - psicólogos,

assistentes sociais, sociólogos, advogado - de modo a rentabilizar a especificidade dos recursos, sendo assim possível uma melhor adequação dos mesmos na procura de soluções.

3. Grupos de educação psicológica

Além da nossa intervenção em situações de crise, seja porque alguns jovens vivenciam dificuldades em se confrontarem de forma adaptativa com as tarefas desenvolvimentais, seja por razões de natureza estrutural, como as situações de carência económica, julgamos pertinente promover o seu desenvolvimento psicológico integral tornando-os mais criativos e competentes nos diferentes papéis que têm de assumir ao longo da sua existência. Neste sentido, surgem os denominados programas de educação psicológica, quer sejam programas que visem o desenvolvimento de competências de estudo ou o desenvolvimento de competências de relacionamento interpessoal, entre muitos outros (Soares, 1991). Saliente-se, contudo, que tais programas não se restringem à promoção de competências específicas, nem surgem isolados mas antes integrados num conjunto mais amplo de actividades.

Desta forma, partindo do conhecimento das problemáticas que afectam os jovens e de um trabalho continuado com as escolas e restante comunidade, foram progressivamente identificadas possíveis áreas de actuação visando a melhoria da qualidade de vida psicossocial deste grupo. Assim, potencializando momentos de convívio já existentes, propusemos actividades mais estruturadas e formativas, que seguidamente descreveremos, em função do espaço institucional em que decorrem.

Apoio Psicopedagógico

Pela pertinência de se combater nesta comunidade o insucesso escolar, a implementação, desde há três anos, de um espaço de apoio psicopedagógico neste Centro, visa proporcionar aos jovens do 2º e 3º ciclos do Ensino Básico um espaço estruturado onde possam desenvolver competências de estudo e superar, no contexto de uma relação segura, dificuldades de aprendizagem mediante apoio personalizado.

Com efeito este espaço funciona diariamente, sendo da responsabilidade de dois técnicos a tempo inteiro que desenvolvem metodologias de acompanhamento individual em função das características de cada jovem e privilegiam a ligação à escola, seja pelos contactos regulares com professores, seja pela complementaridade do trabalho realizado em ambas as instituições. Com o projecto Horizon este espaço ganhou novos contornos tornando-se num contexto privilegiado a partir do qual se despoletaram novas formas de animação comunitária, nomeadamente pela aproximação de jovens de diferentes gerações (vd capítulo 5) e (re)criando laços comunitários.

A opção por uma intervenção em grupo, permite criar condições para promover experiências significativas para o desenvolvimento global dos jovens sendo, por si só, uma experiência que apela à aprendizagem de regras de grupo, de resolução de conflitos, de gestão partilhada de um espaço,... A pertinência desta acção advém, ainda, da demissão educativa da maior parte dos pais desta comunidade, cujo nível sócio-cultural não lhes permite apoiarem os filhos a este nível. Pretendemos, desta forma, contribuir para a criação de expectativas positivas dos jovens face ao desempenho do seu papel de alunos e para a mudança da percepção dos pais, muitas vezes negativa e limitativa, face ao futuro escolar e profissional dos filhos. Contudo, o envolvimento das famílias na realização de alguns momentos recreativos e no acompanhamento dos jovens tem sido uma preocupação nossa, enfatizando intencionalmente o papel dos jovens como mediadores na relação com os pais e comunidade.

Competências de estudo

No espaço de apoio psicopedagógico e do contacto com professores das diversas escolas já mencionadas, constatámos que um grande número de jovens apresentam dificuldades ao nível da organização do processo de estudo, sendo, frequentes vezes, o seu insucesso resultado deste facto. Assim, na tentativa de abranger um maior número de jovens, organizamos, após solicitação das escolas, um programa com 14 a 16 sessões e de periodicidade semanal, que visava promover a aquisição de competências de estudo. Este programa foi realizado por dois psicólogos, tendo contado com a colaboração de dois estagiários do 5º ano da licenciatura em Psicologia, tendo sido abrangidos 120 alunos do 5º, 6º, 7º e 8º ano. Os grupos foram organizados de acordo com os

níveis étários e académicos dos jovens, de forma a agrupar alunos com interesses e necessidades semelhantes, tendo decorrido nas escolas que habitualmente frequentam.

Das inúmeras definições que designam este tipo de programa, desde considerar que se tratam de técnicas específicas para adquirir, reter e demonstrar conhecimentos ou a aquisição de competências que contribuam para o desenvolvimento da autonomia e da resolução de problemas no processo de aprendizagem (Dean, 1977), optamos por estruturar um programa o mais eclético possível e adequado às características e especificidades dos jovens (a avaliação inicial das necessidades dos alunos foi feita em colaboração com os responsáveis da instituição escolar), tornando-o flexível e nunca rígido, tendo por objectivos (i) prevenir o insucesso escolar junto dos alunos com dificuldades escolares e (ii) promover o rendimento escolar e o desenvolvimento psico-social junto dos alunos com bom aproveitamento.

Assim, o processo estava organizado com base nas experiências concretas destes jovens, procurando incluir sempre as componentes seguintes: o papel do aluno-assiduidade, participação e comportamento na sala de aula, o relacionamento interpessoal, relações com colegas e com professores, atitudes face ao estudo, identificação de hábitos e de crenças irracionais, organização e estruturação do tempo (gestão do tempo disponível, horário extra-escolar), e competências de estudo propriamente ditas, enfatizando a importância de fazer resumos, esquemas, sublinhados, ...

O facto de se ter tratado de um processo extremamente participado pelos jovens, leva-nos a considerar a pertinência deste tipo de abordagem, também porque se trata de trabalhar dimensões ocultas do processo de estudo, nunca consideradas nos currículos explícitos das nossas escolas e, sem dúvida, essenciais ao sucesso académico dos alunos. Parece, portanto, que a par da relevância dos conteúdos não se pode negligenciar a dimensão processual, isto é, o como estudar.

Orientação Vocacional

O 9º ano de escolaridade antecede um momento em que, no sistema de ensino português, os alunos têm de efectuar escolhas quanto ao seu trajecto escolar. Tal situação é frequentemente vivenciada com ansiedade, sendo a

intervenção psicológica de grande pertinência. Assim, no Centro Social da Vitória temos incentivado e implementado a *consulta psicológica vocacional em grupo* visando capacitar os jovens para lidar com as transformações que irão ocorrer a vários níveis no seu confronto com o mundo dos interesses e expectativas, coordenar os vários papéis da existência na relação com o sistema de oportunidades, tendo em conta os constrangimentos pessoais e sociais.

Perspectivada desta forma, a intervenção procura partir dos investimentos actuais e da promoção da sua exploração para promover novos investimentos ("exploração do investimento"), proporcionando experiências desafiantes mediante o recurso a estratégias de acção/reflexão (Campos e Coimbra, 1991). O conhecimento que o jovem tem de si próprio, das oportunidades de formação, ... deixa de ser o cerne do processo de intervenção, valorizando-se antes a relação que o jovem estabelece com o mundo (Campos, 1992).

Realizamos, portanto, vários grupos de Orientação Vocacional (contando com a participação de estagiários do 5º ano da licenciatura em Psicologia) constituídos por jovens da comunidade em colaboração com as escolas que têm, de resto, assumido um papel de grande relevância na divulgação destas intervenções. No tempo correspondente ao decorrer do projecto, efectuamos 13 grupos de orientação para 140 jovens que frequentam o 9º ano de escolaridade. Sumariamente, o processo é composto por cerca de 15 sessões semanais com a duração aproximada de uma hora, condições que variam em função do grupo.

O processo consiste na operacionalização de diferentes momentos: promover o conhecimento de si próprio, o confronto com o mundo das formações/profissões (por exemplo, promovendo visitas a contextos reais de trabalho, entrevistas a profissionais, ...), a exploração da informação sobre as oportunidades que o sistema de ensino oferece, o confronto com as influências e constrangimentos externos, apelando, sempre, a uma atitude fortemente auto-crítica no contexto de uma relação segura com os colegas de grupo e com o psicólogo. Não se trata, portanto, de um processo linear de transmissão de conteúdos mas antes de "um processo de exploração da relação de investimento do sujeito com o mundo" (Campos, 1992, p. 5).

Finalmente, refira-se que este trabalho foi sempre desenvolvido no

âmbito de uma relação colaborativa (Coimbra, 1991) com pais e professores, em ordem a implicá-los no processo de tomada de decisão dos jovens. Considerando prioritário o investimento em experiências concretas pelas quais os jovens pudessem passar, a necessidade de partilha de dificuldades, de representações, de emoções, no contexto grupal e com base numa relação securizante, pretendemos confrontar os jovens com experiências aliciantes e, se possível, distanciadas da sua vivência quotidiana, procurando ajudar a perspectivar o seu futuro profissional. Por isso, a ligação à escola e à comunidade em geral foi uma preocupação constante, facilitada pelo facto de estarmos a intervir num contexto comunitário.

Grupos de desenvolvimento

Referimos, neste ponto, o trabalho com jovens que não se centra exclusivamente nas questões académicas, tendo necessariamente outros objectivos. Assim, um dos grupos alvo desta intervenção é constituído por jovens, com idades compreendidas entre os 16 e os 25 anos, alguns estudantes, outros trabalhadores e havendo ainda alguns jovens que abandonaram a escola e não estão ainda inseridos no mercado de trabalho. Dadas estas características, o grupo tem funcionado à noite.

Ao longo do projecto foram trabalhadas com os jovens duas temáticas distintas e que surgiram a partir de avaliações de necessidades que foram sendo feitas ao longo do tempo: o relacionamento interpessoal e questões relacionadas com o emprego e inserção na vida activa, dada a relevância do (des)emprego e inserção profissional; a abordagem destas temáticas é intercalada com momentos de cariz sócio-recreativo-cultural.

A própria definição de um processo deste tipo, e em que momento implementá-lo, tem constituído, por si, um processo de negociação com os jovens em causa, além de ao longo das sessões, se criarem intencionalmente, momentos para a reflexão e integração de experiências pessoais e para a crítica do "programa" (Campos, 1989). No decorrer das intervenções efectuadas junto deste grupo adoptamos sempre uma metodologia de acção-reflexão (Coimbra, 1991), procurando proporcionar aos jovens experiências de acção desafiante-

encontro com profissionais, passagem de filmes, saídas ao exterior-e reflexão sobre outras experiências tidas nos diversos contextos de vida.

Tal metodologia implicou uma participação activa dos jovens nos diversos momentos, co-responsabilizando-os sistematicamente pelo funcionamento do grupo. Esta co-responsabilização e a discussão dos problemas e dificuldades actuais promovem o conhecimento de si próprio e a tomada de perspectiva do outro, processos psicológicos essenciais ao desenvolvimento da auto-organização pessoal.

Um aspecto que gostaríamos de ressaltar, é a necessidade de tempo alargado das intervenções, condição imprescindível se esperamos resultados significativos (Sprinthall, 1991). Alfas, um exemplo da morosidade de constituição de um grupo consiste no trabalho tido com cerca de vinte jovens com idades entre os 8 e os 16 anos, onde procurámos estruturar a ideia de grupo, promovendo para tal reuniões semanais. A sua constituição dependeu de um outro projecto de trabalho em execução na instituição, destinado a casais da freguesia. No âmbito deste projecto com casais, sentiu-se necessidade (partilhada pela população envolvida e pelos técnicos) de se elaborar em simultâneo, embora em espaços separados, uma intervenção planificada com as crianças e jovens filhos do grupo de casais. Dado estarmos numa fase inicial, os objectivos são sobretudo de índole recreativa, que apela à promoção de actividades simples adequadas à própria estruturação do grupo e com as regras subjacentes a este tipo de vivência.

De qualquer forma, parece-nos que o trabalho que se tem vindo a desenvolver com grupos de jovens é importante na medida em que possibilita ao jovem vivências concretas, promovendo a sua capacidade de inter-relação e inter-ajuda.

4. Centro de Documentação

A necessidade de um suporte teórico e informativo constituía um elemento fundamental à exequibilidade do próprio projecto; deste modo, a criação de um centro de documentação que servisse de apoio à intervenção comunitária, impunha-se como uma condição imprescindível.

Apesar de, numa fase anterior à integração do projecto, a instituição promotora dispôr já de algum suporte documental, a implementação do mesmo, veio suscitar exigências que se traduzem quer ao nível informativo, quer ao nível da caracterização da população alvo. Neste sentido, tornou-se relevante a necessidade de se estruturar/dinamizar um centro de documentação que reunisse um conjunto de instrumentos (informativos, técnicos e teóricos), capazes de responder às necessidades da problemática juvenil.

Deste modo, a dinamização do Centro de Documentação revela dois tipos de necessidades: a elaboração de documentos de carácter informativo acerca do desenvolvimento e resultados do projecto e uma análise descritiva do meio local. É de relévar que, no que diz respeito à elaboração do estudo sobre a Freguesia, foram utilizadas algumas fontes de informação, nomeadamente através da recolha da dados demográficos (Instituto Nacional de Estatística e Gabinete de Planeamento Urbanístico), de recolha bibliográfica, da realização de entrevistas informais dirigidas a agentes do meio (presidente da autarquia, dirigentes associativos), de registos fotográficos sobre algumas dinâmicas inerentes à vivência local, etc. Por outro lado, visamos a recolha de todo o tipo de documentação e de informação actualizada sobre jovens, em ordem a facilitar o seu acesso a determinados organismos, nomeadamente, centros de formação e emprego, associações recreativas, organizações de juventude, etc. Com o intuito de viabilizar este segundo objectivo, promoveu-se a articulação entre algumas entidades, designadamente escolas, escolas profissionais, centros de emprego, gabinetes de estudo/planeamento curricular (ex GETAP), Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação, através da realização de reuniões, com vista à reflexão e intercâmbio de experiências, de documentação e de todo o tipo de informação sobre formação, inserção profissional, orientação vocacional,...

Concretamente, foram consideradas com particular preocupação questões como a reflexão sobre as condições que permitem o acesso à formação e ao emprego, enquanto factores de prevenção do risco e da exclusão social, estratégias facilitadoras à inserção sócio-profissional dos jovens, conhecimentos profissionais e atitudes face ao emprego, orientação e acompanhamento personalizado do público alvo.

A bibliografia disponível no Centro de Documentação compreende os seguintes temas e áreas (i) emprego e formação, (ii) possibilidades de formação

no domínio dos cursos de aprendizagem, das escolas secundárias e das escolas profissionais, (iii) publicações do Instituto de Emprego e Formação Profissional, (iv) saúde, (v) informações diversas sobre as instituições que prestam serviços aos jovens no domínio do emprego e formação, educação, cultura e desporto, da recuperação de toxicodependentes, do apoio económico, jurídico e de acolhimento.

Esta base de dados assume uma função relevante, na medida em que pode facilitar o acesso directo à informação, que serve de suporte à intervenção junto dos jovens e familiares, nos diversos contextos de intervenção (atendimento, debates, etc).

Apesar deste Centro de Documentação se constituir para permitir à população da Freguesia um melhor acesso à informação, não teve a visibilidade desejada, porque o serviço fica encoberto pelos gabinetes de atendimento - de Serviço Social e de Consulta Psicológica - através dos quais são atendidos jovens com diversos problemas e para os quais o encaminhamento/aconselhamento só se torna possível através do conhecimento exaustivo, por parte dos técnicos, de uma rede de recursos disponíveis e possíveis a utilizar.